

Narrativas Orais sobre a Shoah. Percursos e sobrevivência.

LILIAN FERREIRA DE SOUZA *

Apresentação

Cada vez que eu vejo pilhas de árvores queimadas pelos homens não tenho como não pensar nas cinzas dos fornos crematórios: as cinzas da vida, as cinzas dos homens enlouquecidos. Frans Kracsberg.

A pesquisa “Narrativas Orais sobre a Shoah: Percursos e sobrevivência”, trata-se de um projeto de mestrado desenvolvido junto ao Laboratório de Etnicidade, Discriminação e Racismo – LEER/USP, onde participo como pesquisadora no Núcleo de História Oral do Arquivo Virtual Sobre Holocausto e Antissemitismo – Arqshoah.¹

A história do povo judeu é única, por certas particularidades que não devemos ignorar. Para entender esta singularidade - que extrapola as especificidades milenares do judaísmo e da cultura judaica devemos levar em consideração o Holocausto, símbolo de tristeza, dor, trauma, resistência e luta. Como entender que cerca de seis milhões de judeus foram assassinados durante a Shoah?²

O cinema, a literatura, a historiografia, as artes plásticas, o teatro e a fotografia têm contribuído para a representação do Holocausto, apesar das dificuldades em reconstituir as dimensões desse genocídio que marcou a história do século XX, para aqueles que não vivenciaram o horror praticado pela Alemanha Nazista e países colaboracionistas o Holocausto emerge como um fenômeno “indizível”. Mas esta questão não deve ser uma barreira e sim uma razão para investigarmos os perigos da violência praticada pelo Estado e do antissemitismo enquanto instrumento de poder.

Inúmeros são os documentos históricos que possibilitam a reconstituição de fragmentos desta memória, em parte dilacerada pelo tempo e pelo silêncio. Algumas raras vozes ainda sobrevivem estão espalhados pelo mundo, pois milhares não conseguiram imigrar, o que na época era sinônimo de sobrevivência, continuidade e

* Bacharel e Licenciada em História pela FFLCH – USP. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Departamento de Línguas Orientais – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH. Universidade de São Paulo – USP.

¹ Arquivo Virtual Sobre Holocausto e Antissemitismo disponível no portal www.arqshoah.com.br

² Palavra em hebraico que significa destruição, ruína, calamidade. Cf. CARNEIRO, 1998, P. 5

esperança. No caso de Primo Levi o trauma carregado após o final da guerra transformou-se em anulação da vida. Como suportar o peso das lembranças da barbárie e levar uma vida normal? Aqueles que conseguiram superar as dificuldades podem contar aos filhos, netos e amigos fragmentos das suas trajetórias, ainda que truncadas pelo sofrimento de “lembrar”; outros guardam consigo, em silêncio, imagens de um passado irreparável.

São estas as narrativas que nos interessam registrar e analisar enquanto testemunho das trajetórias dos sobreviventes do nazismo.

Procedimentos Utilizados

A história oral é observada como “(...) uma prática de apreensão de narrativas feita mediante o uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato.” (MEIHY, 1996, p. 17). Desta prática destacamos o diálogo e a colaboração ponderando a riqueza contida na memória, nas identidades, na subjetividade para a produção do conhecimento.

Dos procedimentos utilizados a primeira consideração a ser feita é sobre comunidade de destino, como dito anteriormente, trata-se de judeus sobreviventes do Holocausto que emigraram para o Brasil entre os anos de 1933 até 1960, dentro dessa ampla comunidade destacamos a rede de colaboradores que residem na cidade de São Paulo.

Quanto ao gênero de história oral adotado nesta pesquisa utilizamos os conceitos que fundamentam a história oral de vida. Outro gênero a ser trabalhado está em diálogo com os estudos sobre as experiências traumáticas, especificamente pelos estudos de José Carlos B. Meihy sobre a história oral testemunhal, na compreensão do trauma nas narrativas.

Após a concessão da entrevista um dos aspectos mais importantes do trabalho está na passagem do oral para o escrito, uma das etapas seguidas é a transcrição, textualização e transcrição. A cada entrevista realizada encontramos singularidades específicas do relato individual, como por exemplo, expressões em outros idiomas, em alguns casos o iídiche e o hebraico, marcas do sotaque acentuado por se tratar de uma rede de colaboradores de diversas nacionalidades, algumas concordâncias gramaticais

da língua portuguesas não são assimiladas por alguns deles. Como solução para a fluência leitura, optamos pela inserção na transcrição notas explicativas sobre os termos mencionados e ajustes gramaticais. A conferência e a devolutiva do texto final ao entrevistado é essencial, este trabalho é realizado progressivamente logo após o término de todas as etapas mencionadas, assim evitamos equívocos com nomes, datas importantes e outros aspectos da narrativa. O entrevistado é o colaborador primordial desta última etapa, um momento que sem dúvida gera uma grande expectativa visto que muitos são idosos e os relatos de vida geralmente são estímulos para contarem a sua experiência para os filhos e netos, alguns levam a tarefa adiante, escrevem livros de memória ou relatam em palestras para estudantes os fatos dos quais são testemunhos com o objetivo a não repetição dos equívocos do passado.

Para concluir destacamos a importância do uso das fontes orais. A entrevista consiste no trabalho de pesquisadores e narradores em constante diálogo afim da compreensão de eventos únicos dentro de grande marcos históricos. As narrativas passam entre os relatos gerais e as experiências particulares, entre o coletivo e o pessoal, sua matéria a ser lapidada é a memória. “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39).

Para Henri Bergson, filósofo interessado no fenômeno da lembrança e no debate sobre o tempo e memória:

“Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço do todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47).

O desafio para os trabalhos com fontes orais é a interpretação da fala para a escrita e, sobretudo, é o sentido que a transcrição dá ao fenômeno único da performance da narrativa.

[...] “a história oral é menos o ‘testemunho’ de eventos e mais uma ‘construção’ feita de palavras por meio da cooperação de editores, entrevistadores, testemunhas e narradores, cada um deles, buscando, através da linguagem dar forma e significado à experiência e à memória.” (PORTELLI, 2010, p.187).

Lise Forell – “Eu paguei tudo que se pode pagar pela minha liberdade... minha liberdade é sagrada...”

A partir desta breve apresentação do projeto esperamos ter levantado alguns conceitos importantes da pesquisa que vêm sendo desenvolvida. A seguir destacamos uns dos temas recorrentes nas entrevistas realizadas, o marco histórico é início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e a peregrinação em busca de visto e as alternativas de fuga para os judeus e demais grupos perseguidos pelo regime nazifascista.

Contudo uma das singularidades do relato de Lise Forell é o auxílio que a família recebeu de Luiz Martins de Souza Dantas, cônsul brasileiro na França, reconhecido internacionalmente com Justo entre as Nações, título reconhecido aqueles que as sacrificaram suas vidas e seus cargos em prol do auxílio aos refugiados perseguidos pelo regime autoritário. Outra particularidade da narrativa é a rota de fuga da família Forell, diferente da grande maioria da nossa rede de colaboradores, a família é retida em um campo de concentração no norte da África, e de lá batalham novamente para seguir a diante ao seu destino, o Brasil.

Lise Forell é artista plástica, nasceu em abril de 1924 na cidade de Brno, na antiga Republica Tcheca, filha de uma tradicional família judaica, tem orgulho de ser judia, apesar de não praticante, acredita que mais que uma religião o judaísmo une um povo que sofreu no percurso da história. Selecionamos alguns trechos do relato de vida de Lise que representa a história de vida de muitos refugiados que optaram pelo Brasil como única alternativa ao horror da ascensão da política discriminatória do regime nazista.

Eu me chamo Lise Forell meu nome de solteira... Lisebeth Lowe é meu nome oficial, de casada, que está no passaporte. Nasci em 12 de abril 1924... em Brno, que é a segunda cidade da antiga Republica Tchecoslováquia, agora virou República Tcheca. De uma família burguesa judia, filha única com todo o peso que isso dá... com a minha família toda querendo que eu estudasse de tudo, que eu fosse a melhor em tudo.

Nossa cidade Brno, era porte médio... linda, medieval, onde os estilos se misturavam... Eu adorava porque todas as minhas primeiras lembranças são de lá, isso marca a gente fortemente... Tinha as sinagogas da cidade, íamos uma vez por ano, meu pais eram assimilados. Quanto ao antissemitismo, eu não senti muito por parte dos tchecos, eu senti o alemão na pele, as minhas colegas não falaram mais comigo e nem me acompanhavam, e os tchecos com toda a razão não nos receberam mais de braços abertos, por causa disso.

Eu desde os seis anos de idade estudava em escola alemã, porque os judeus de Brno, da minha cidade, eram muito *deutsche kultur*, queriam que os filhos ficassem na linha da

cultura e língua alemã. Isso foi um erro porque quando houve a ocupação Nazista da Tchecoslováquia nos chutaram das escolas alemãs, todos os judeus matriculados tiveram que sair... era a 'purificação das escolas'. E fomos para a escola theca era a única opção, lá fomos mal recebidos e rejeitados.

Minha família ficou preocupada apesar de não serem religiosos... eram bastante assimilados, mas com cara de judeu... não adiantava minha mãe Grete tinha um nariz bem judaico. Meus pais não queriam que eu andasse com os judeus, mas eu entrei num movimento sionista, o *Macabi*, naquela época, obviamente fiquei sionista da esquerda, o que nos unia contra as perseguições. Nesse período eu fazia aulas de pintura com o pintor Gustav Böhm, era a única criança no grupo dos adultos, me saía muito bem.

A preocupação de meus pais fez com que me mandassem para Bélgica, onde meus avós maternos e meu tio Karl me esperavam. Nesse período consegui me matricular na Academia de Belas Artes de Antuérpia, cuja fama era a de ser a melhor da Europa. Estudei pintura (...)

O marco histórico para os judeus do leste europeu é a invasão da Polônia em setembro de 1939 pelas tropas alemãs. Para a família Forell e os demais tchecos, o marco é o dia 15 de março de 1939 quando ocorre a ocupação definitiva das tropas nazistas e a criação do Protetorado de Bohemia-Morávia. A primeira anexação de território feita pela Alemanha nazista é em 1938 na Áustria, em setembro no mesmo ano é realizada a Conferência de Munique, marco da anexação de uma parte da Tchecoslováquia à Alemanha. (GILBERT, 2010, p. 70).

A população da Áustria e Tchecoslováquia era em grande parte de origem alemã, judeus assimilados, o idioma e a cultura alemã eram presentes como identidade, essa ligação era motivo de orgulho. A ocupação das forças alemãs nesses países representa a continuidade das atrocidades, massacres, insultos e mortes praticados no território alemão. A ideologia nazista e o mito da pureza ariana levou às últimas consequências a busca do padrão ideal de raça, pautado em um programa de eliminação sistemática dos 'não-arianos' – os judeus.

O ano de 1938 é marco da Noite dos Cristais Quebrados – *Kristallnacht* – onde as lojas de judeus alemães e austríacos foram pilhadas, sinagogas foram incendiadas, além do alto número de mortos. “Fogueiras foram acesas em todos os bairros em que viviam judeus. Nela foram jogados livros de reza, rolos da Torá, e inúmeros volumes de filosofia, história e poesia. Em milhares de ruas os judeus foram perseguidos, insultados e surrados” (GILBERT, 2010, p. 73)

Meus pais para fugir do Nazismo partem rumo à Bélgica... para me visitar, eu tinha ficado doente, mal sabiam eles que era a despedida deles da Tchecoslováquia, só levaram dez marcos e as alianças de ouro do casamento... quando chegaram lá pra me encontrar ficaram tranquilos mas tinha o perigo iminente após o início da Segunda Guerra em 1939, então meus pais e meu tio Karl decidem fugir da Bélgica, num automóvel, eram filas intermináveis nas estradas, passamos por bombardeios... frio... fome... até chegar na fronteira entre a França e a Espanha, o governo franquista não aceitou a entrada de uma família judia, então seguimos para o sul, em Marselha. Ficamos em uma pensão, meu pai e meu tio partiram para a peregrinação em busca de vistos e passagens para longe dali e meu pai graças a Deus arrumou um visto brasileiro, a gente não tinha a mínima ideia do que era o Brasil, mas escolhemos porque era o visto mais barato na época. O Souza Dantas eu conheci pessoalmente, porque a mulher dele era francesa e muito bacana, ela tinha um pouco de aula de pintura comigo, eu sempre pintei, eu tinha uns quadros, e ele arrumou esse visto de novo. Qualquer visto foi difícil, ele se desdobrou pra arrumar os vistos, por isso salvou muitas vidas.

Em dezembro de 1940, do Porto de Marselha embarcamos no navio francês o *Alsina*, nessa viagem fomos eu minha mãe, meu pai Otto Forell, meus avós maternos e a família do meu tio Karl. Chegamos e ancoramos no porto de Dakar só depois soubemos que fomos detidos porque havia contrabando no navio... ficamos cinco meses confinados, na prisão flutuante, descíamos ao porto, fizemos amizades... quando finalmente o navio zarpa percebemos que estava voltando e ancorou em Casablanca, no Marrocos lá nos desembarcaram sem grandes explicações e nos enfiaram em um campo de refugiados da Legião Estrangeira, ficava em uma região desértica, e tinha um portão com a placa *Camp Sidi-El-Ayashi*. O comandante do campo nos tratou como fugitivos da Legião de honra francesa, entre os passageiros tinha mulheres grávidas, médicos, velhos e jovens, ele nos tratou como se fôssemos criminosos de quinta categoria.

Era um campo de refugiados para caras que fugiam da Legião estrangeira, não era um campo de extermínio, mas era um campo de concentração, administrado pelos franceses, não tinha a ver com campo para judeus, só quando veio essa leva dos passageiros do navio, não fazia diferença nenhuma... Eles nos trataram como desertores.

Em Casablanca, meu pai parte desesperado por ajuda, com instituições de auxílio para refugiados. Conseguimos dinheiro e novos vistos, no campo a gente não tinha possibilidades de renovar os papéis, o visto caducou por causa do tempo. [...] depois de algum tempo conseguimos partir para Cadiz, e de lá... com todos os documentos em ordem embarcamos em um navio de carga espanhol *Cabo de Buena Esperanza* que foi transformado em navio de passageiro pra caber bastante gente... as beliches tinham quatro camas, ficava superlotado. Levou um mês pra chegar no Brasil, o que não é brincadeira, chegamos em 25 de setembro 1941. Imagina depois de campo de concentração chegar ao Rio de Janeiro!

A história de Lise Forell e dos demais passageiros a bordo do navio *Alsina*, revela um personagem chave, o cônsul brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas. Carioca, diplomado em Direito, ocupou diversos cargos públicos em diferentes países da Europa, no ano de 1922 foi nomeado embaixador do Brasil na França, permaneceu no cargo até 1944. Após a ocupação militar alemã na França em 1940, é instalado um governo colaboracionista na cidade de Vichy, e a embaixada é transferida. É nesse período que o diplomata concede vistos “irregulares”, que beneficiava judeus, homossexuais, ciganos, comunistas e demais inimigos políticos perseguidos pela ideologia nazista. No período milhares de refugiados se encontravam em trânsito vagando por diversas capitais europeias, e as exigências de uma série de documentos e certidões visava propositalmente barrar a imigração dos “indesejáveis” para o Brasil. Souza Dantas, contrariou a política vigente, e assinou cerca de quatrocentos vistos diplomáticos, grande parte deles datados de junho de 1940 até meados do início de 1941.

É justamente neste período que o navio de bandeira francesa *Alsina*³ parte rumo ao Brasil, a bordo a família de Lise Forell, que nos conta a trajetória do navio que foi barrado e desviado de seu curso normal pelas autoridades britânicas em 27 de janeiro de 1941, no porto africano de Dakar no Senegal, aos passageiros não coube maiores explicações, segundo Lise o bloqueio inglês foi motivado pelo receio que as autoridades tinham que a frota caísse nas mãos dos nazistas, em junho cinco meses depois, parte dos passageiros são encaminhados a Casablanca no Marrocos alguns ficam na cidade outros são enviados imediatamente para o campo de concentração Sidi-El-Ayachi, a partir daí cada família tratou de resolver sua questão individualmente. Diferentemente dos campos de concentração administrados por oficiais nazistas, este campo era mantido por autoridades locais para desertores. Neste local as famílias partem tratam das suas questões diplomáticas e burocráticas relativas a documentação da viagem, os que já haviam obtido visto conseguiram embarcar no navio *Cabo de Buena Esperanza* em setembro de 1941, “o vapor *Alsina* jamais completou a viagem para a América do Sul” (KOIFMAN, 2002 p. 248).

³ Dentre as famílias que estavam a bordo do navio *Alsina*: Zbigniew Ziembinski, polonês, ator e diretor teatral; o médico Juljan Czapski. Ambos desembarcaram no Brasil

Após este episódio Souza Dantas, que devia obedecer as legislações restritivas impostas pelo governo brasileiro a população de origem “israelita”, é investigado em um inquérito administrativo a pedido do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em 1941. A partir da repercussão da trajetória do navio Alsina, Souza Dantas, não poupou esforços para revalidar os vistos dos passageiros. Segundo Koifman, a carreira política de Souza Dantas foi censurada pelos órgãos da propaganda do governo de Vargas, justamente pelo fato de abafar a trajetória de vida do homem que salvou inúmeros refugiados. O diplomata brasileiro é reconhecido no Yad Vashem⁴, como Justo entre as Nações, título dado a homens e mulheres que arriscaram suas vidas no salvamento de judeus e outras minorias perseguidas durante o Holocausto.

A partir da intervenção de Souza Dantas no Itamaraty órgão do Departamento do Ministério das Relações Exteriores, quarenta e sete passageiros do navio Alsina, embarcam em Cadiz na Espanha no navio de bandeira espanhola Cabo de Buena Esperanza, chega ao Rio de Janeiro em 1941.

A representação artística que Lise imprime em seus quadros é a interpretação desse mundo de guerras e deslocamentos. Suas obras de cunho político podem ser consideradas como a difícil tarefa de representar o Holocausto, na sua dor, revolta, humilhações, confinamentos, mortes... Aqui os sobreviventes distantes do país de origem buscam significados para a coesão de uma identidade, simbolizada pela continuidade nas tradições culturais e religiosas, é uma expressão da necessidade que todos os refugiado/deslocado têm em manter suas tradições culturais, religiosas, sua língua, seus costumes.

As narrativas coletadas dos judeus refugiados e sobreviventes permitem compreender a conduta desta minoria diante do fortalecimento do Nacional Socialismo que:

“[...]fugindo das perseguições nazi-fascistas, percorreram caminhos sinuosos, rompendo as barreiras burocráticas erguidas pelo antissemitismo latente nos países identificados com a política do III Reich [...] tendo como único objetivo recomeçar. Tais registros rompem as barreiras da memória, trazendo a tona os “não-ditos” pelas fontes escritas ou, então confirmando, a partir de fragmentos de suas histórias de vida, a prática do antissemitismo

⁴ Autoridade para a Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto – Museu e Escola Internacional para o ensino do Holocausto Localizado em Jerusalém – Israel.

político e xenófobo sustentada por parte da elite diplomática e intelectual brasileira. Com base na dinâmica da história oral, torna-se possível – através dos testemunhos – resgatar as lembranças desses peregrinos que um dia acreditaram ter uma pátria – mãe”. (CARNEIRO, 1996 p.269)

A Segunda Guerra Mundial é o marco histórico que obriga a fuga, hoje milhares de sobreviventes estão espalhados pelo mundo, imigrar era sinônimo de sobrevivência. Os que conseguiram superar as dificuldades e traumas podem contar aos filhos, netos e amigos o que significou aquele período em suas vidas.

Após 1945 o mundo toma conhecimento das barbáries praticadas pelos nazistas. O Brasil tem uma postura ambígua, e cria inúmeras legislações restrições aos imigrantes tidos como indesejáveis, impuros, comunistas etc., grande parte é de refugiados, sobreviventes de guetos e campos de concentração. Importante compreender como a política externa europeia influenciou a tomada de decisões do governo brasileiro, no que diz respeito a política imigratória e como esta postura foi sentida pelos judeus que conseguiram visto para o Brasil. Os efeitos da Segunda Guerra Mundial - além dos números mortos e das perdas materiais – certamente ficou marcado nas lembranças daqueles que sobreviveram ao conflito que ganhou dimensões genocidas. Se as ações de repressão têm como medidas o contínuo deslocamento dos refugiados pelo mundo todo, os atos de salvacionismo e solidariedade podem ser recuperados através das vivências narradas pelos sobreviventes.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, instrumento de poder**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Cidadão do Mundo: O Brasil Diante do Holocausto e dos Judeus Refugiados do Nazifascismo**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

_____. **O Anti-Semitismo na Era Vargas: Fantasmas de Uma Geração**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001

_____. **Holocausto, Crime contra a Humanidade**. São Paulo: Ática, 1998 (Coleção História em Movimento.)

_____, Histórias de vida dos judeus refugiados do nazi-fascismo. Questões teóricas e metodológicas In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1.996. p. 269

GILBERT, Martin. **O Holocausto: História dos Judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial**; tradução de Samuel Feldberg, Nancy Rozenchan. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOIFMAN, Fabio. *Quixote nas Trevas*. **O Embaixador Souza Dantas e os Refugiados do Nazismo**. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2002.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean - Luc. **O mito nazista**. Trad. Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Ed. Ilumiras, 2002.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica. Imigração, Diplomacia, Preconceito**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.

LEVI, Primo. **Os Afogados e Sobreviventes**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1900.

_____. **É Isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**, 5º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v 2 nº 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v 5, n. 10. p. 04,1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

Entrevistas

Lise Forell, tcheca, artista plástica. Entrevista realizada em 15 de maio de 2010.